

**A cidade de Londrina:  
Desigualdade, território e pertencimento étnico-racial<sup>1</sup>**

Maria Nilza da Silva  
Universidade Estadual de Londrina

Palavras-chave: Londrina; segregação; racismo; território.

---

<sup>1</sup> Texto a ser apresentado no XXVII Simpósio Nacional de História - ANPUH

## Resumo

Este trabalho tem como objetivo apresentar parte dos resultados dos estudos realizados sobre a população negra na cidade de Londrina. A pesquisa tem como referência, a partir do território, o estudo das condições de vulnerabilidade vivenciada. Foram utilizadas metodologias quantitativas baseadas nos dados do IBGE e qualitativa com a realização de entrevistas em profundidade, com moradores das periferias da cidade. A segregação e a situação de pobreza atingem grande parte da população negra da cidade reproduzindo a realidade vivenciada por muitos negros no Brasil. O trabalho analisa a influência do pertencimento ao grupo étnico-racial como provável elemento na reprodução das desigualdades.

## Introdução<sup>2</sup>

Quando pensei em escrever este texto e propor uma comunicação a cidade de Londrina, localizada na Região Norte do estado do Paraná, em 2011, era alvo de várias propagandas que a apresentavam como uma nova cidade e, no entender de alguns, como uma metrópole. Contudo, algumas informações foram e são negadas, como os desafios semelhantes aos de muitas cidades brasileiras, em especial, a segregação de parte de sua população, a enorme violência, a pobreza, a ocupação de áreas irregulares, entre outros problemas.

No caso da população negra da cidade, como em outras regiões do país; é vítima de discriminação, habita territórios estigmatizados, periféricos e com maior probabilidade de sofrer violência. É essa realidade que este trabalho quer mostrar, posto que, ao longo da sua existência, esmerou-se em panfletar a imagem de uma Londrina moderna e importante, como uma metrópole. Em, especial, procurou-se dar visibilidade a uma cidade branca, sem a presença de negros, índios e pobres. Como mencionei em um trabalho anterior<sup>3</sup>, alguns sites das prefeituras de vários municípios no Paraná, procuram enaltecer a presença da população de origem européia, como elemento valorativo do município. Nesse sentido lembra-se que faz parte do imaginário social a ideologia do branqueamento, cujo desconhecimento se constitui um dos maiores problemas no reconhecimento da identidade nacional. Muitos negros que, em sua maioria, não tiveram a oportunidade de conhecer a própria origem,

---

<sup>2</sup> A pesquisa contou com o apoio dos estudantes de Iniciação Científica Alessandro Eleotério Pereira de Souza, Mariana Panta e Larissa Mattos Diniz.

<sup>3</sup> *População negra: segregação e invisibilidade em Londrina*. SANTOS, Renato Emerson dos (org.). Questões urbanas e racismo. Petrópolis, DP e Alli, 2012. Págs. 105-134.

história e cultura podem manifestar dificuldades no reconhecimento da própria identidade racial.

Desde o período pós-abolição as políticas urbanas do país, juntamente com outras políticas públicas, notadamente as referente à educação brasileira, têm tentado, com êxito, salvo raras exceções, esconder e excluir uma parte significativa da população brasileira, cujo índice atinge 51%. E em Londrina o contingente populacional negro é de 26%.

## Londrina, uma nova metrópole?

A cidade de Londrina é considerada uma das principais do Sul e a segunda do estado do Paraná. Já ultrapassa os 500 mil habitantes segundo o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE em 2010, com 506.701 moradores. A ela já cabe o conceito de cidade média e passou a ser considerada uma das 40 cidades mais importantes do país. Nessa perspectiva, alguns meios de comunicação motivados, em especial, por interesses mercadológicos e comerciais, começaram a considerar e publicar matérias<sup>4</sup> sobre a cidade nominando-a metrópole.

As matérias procuram mostrar uma cidade com grande potencial e, em especial, os benefícios de uma metrópole, mas nem sempre mostram os inúmeros problemas de uma cidade que não estava preparada para o rápido crescimento e, notadamente, as questões relacionadas à segregação urbana e à segregação de determinados grupos sociais. Como analisaremos, os grandes problemas sociais devem ser considerados quando se tenta forçosamente transformar uma cidade do interior em metrópole, especialmente com interesses políticos e econômicos que nem sempre estão em sintonia com os da maioria da população local. Além do que, as metrópoles são concentrações urbanas repletas de problemas. Se for nesse sentido, também Londrina poderia ser uma metrópole com o desemprego, a violência, a discriminação e o racismo.

O Sul do país possui 12 regiões metropolitanas<sup>5</sup>. Segundo o estudo realizado pelo Observatório das Metrópoles, as regiões metropolitanas se multiplicam sem o

<sup>4</sup> Conf. “A força das cidades médias”

<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx?edicao=2180&pg=76> Revista publicada em 1. de setembro de 2010. Acesso em 17 de agosto de 2011. Ou “Censo deve confirmar Londrina como a metrópole “caçula” do Brasil. Conf.:

<http://www.jornaldelondrina.com.br/cidades/conteudo.phtml?tl=1&id=1045079&tit=Censo-2010-deve-confirmar-Londrina-como-a-metropole-cacula-do-Brasil> acesso em 17 de agosto 2011. Ou ainda, “Pesquisa mostra concentração de ricos em Londrina.

[http://www.bonde.com.br/bonde.php?id\\_bonde=1-39-2-97-20100910](http://www.bonde.com.br/bonde.php?id_bonde=1-39-2-97-20100910) Acesso em 17 de agosto de 2011.

<sup>5</sup> A maioria das RM da região sul do país, concentra-se no estado de Santa Catarina, são elas: Carbonífera, Chapecó, Florianópolis, Foz do Itajaí, Lages, Norte/Nord Catarinense, Tubarão e Vale do Itajaí. No Paraná são três as RM, Londrina, Maringá e Curitiba. No Rio Grande do Sul, apenas uma, a capital Porto Alegre. ”. *As Metrópoles no Censo 2010: novas tendências?* [http://www.observatoriodasmetrolopes.net/download/texto\\_MetropolesDez2010.pdf](http://www.observatoriodasmetrolopes.net/download/texto_MetropolesDez2010.pdf) Acesso em 5 de julho de 2011.

acompanhamento de uma política<sup>6</sup>. As RMs<sup>7</sup> crescem em importância demográfica e econômica, os antigos problemas, porém, permanecem com tendência de recrudescimento, como os problemas relacionados à violência, à desigualdade e à segregação de determinados grupos sociais. As metrópoles estão hoje permeadas de problemas. Sobre o tema da metrópole em Londrina<sup>8</sup> Fábio Cunha (2005) afirma:

...a iniciativa de instituir a Região Metropolitana de Londrina se inscreve dentro de uma representação social “Londrina Metrópole” que foi sendo instituída ao longo do desenvolvimento da cidade de Londrina e região. Esta representação é consequência de outras representações que existiram desde a fase pioneira, nas décadas de 30 e 40 – até mesmo antes dela – quando esta cidade já “nasce” com o objetivo de ser o centro regional de atuação da Companhia de Terras do Norte do Paraná – CTNP. Na fase inicial, as representações “Londrina Novo Eldorado” e “Londrina Nova Canãa”, passaram a ser construídas e propagadas com o objetivo de se divulgar para o Brasil e para o mundo as férteis terras do norte do Paraná. Num Segundo momento, passaram a ser veiculadas pelas propagandas de venda dos lotes da Companhia de Terras. Estas representações formaram um discurso que se encarregou de promovê-lo tanto no Brasil como no exterior, carregando consigo a idéia de que a região de Londrina era naquele momento o “Novo Eldorado”, a “Nova Canãa” (CUNHA, 2005)<sup>9</sup>.

Rosa Moura cita Milton Santos para definir metrópole:

A noção de metrópole, que na visão de Santos “são os maiores objetos culturais jamais construídos pelo homem”, embasa a maioria das definições que qualificam as principais aglomerações urbanas de um país – estando presente em todos os arranjos urbanoregionais identificados em território brasileiro. Associa-se ao processo de urbanização, concretizando-se pela extensão e densificação das grandes cidades (Moura, 2009, p. 55).

Contudo, deixam de lado os profundos problemas vivenciados por grande parte

<sup>6</sup> Relatório de análise das Regiões Metropolitanas do Brasil, 2004. Pesquisa coordenada por Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro. [http://www.observatoriodasmetrololes.ufrr.br/produtos/produto\\_mc\\_1.pdf](http://www.observatoriodasmetrololes.ufrr.br/produtos/produto_mc_1.pdf) Acesso em 13 de agosto de 2011.

<sup>7</sup> “Até 31 de março de 2010, constatamos que o Brasil conta com 35 regiões metropolitanas (RMs) e 3 regiões integradas de desenvolvimento econômico (RIDE’s). As 38 RMs/RIDEs comportam 444 municípios e estão distribuídas por 22 unidades da federação nas cinco grandes regiões”. As *Metrópoles no Censo 2010: novas tendências?* [http://www.observatoriodasmetrololes.net/download/texto\\_MetrololesDez2010.pdf](http://www.observatoriodasmetrololes.net/download/texto_MetrololesDez2010.pdf) Acesso em 5 de julho de 2011. A Região Metropolitana de Londrina, instituída conforme Lei Complementar Estadual 81, de 17 de junho de 1998, com 8 municípios: Bela Vista do Paraíso, Cambé, Iporã, Jataizinho, Londrina, Rolândia, Sertanópolis e Tamarana. Em 14 de julho de 2010 3 novos municípios foram integrados a Região Metropolitana de Londrina, são eles: Primeiro de Maio, Assaí e Alvorada do Sul. A RM de Londrina com seus 11 municípios possui uma população de 801.817 pessoas.

<sup>8</sup> Ou “Censo deve confirmar Londrina como a metrópole “caçula” do Brasil. Conf.: <http://www.jornaldelondrina.com.br/cidades/conteudo.phtml?tl=1&id=1045079&tit=Censo-2010-deve-confirmar-Londrina-como-a-metrolole-cacula-do-Brasil> acesso em 17 de agosto 2011.

<sup>9</sup> [http://www.geografia.ufpr.br/neer/NEER-2/Trabalhos\\_NEER/Ordemalfabetica/Microsoft%20Word%20-%20FabioCesarAlvesdaCunha.ED11.pdf](http://www.geografia.ufpr.br/neer/NEER-2/Trabalhos_NEER/Ordemalfabetica/Microsoft%20Word%20-%20FabioCesarAlvesdaCunha.ED11.pdf) Acesso em 15 de agosto de 2011.

da população, como os problemas raciais e da segregação vivenciados por certos moradores. Parece ocorrer, neste momento, um agravamento dos problemas sociais, por falta de planejamento e de políticas adequadas para uma cidade de mais de 500 mil habitantes.

### **Londrina: desigualdade e segregação**

A população da cidade convive cotidianamente com as dificuldades de acesso à saúde, falta de acesso à educação de qualidade, entre outras desvantagens e carências<sup>10</sup>. E, no caso dos negros, estes são vítimas do racismo e, mais freqüentemente, da violência policial. Contudo, ao mesmo tempo, alguns encontram estratégias de sobrevivência com capacidade de fazer pequenas “negociações” com o poder público<sup>11</sup>, como, por exemplo, através das manifestações populares, obrigando as autoridades a rever determinadas decisões.

Ao analisar a problemática da segregação, Henri Lefebvre (2008), afirma que a vida cotidiana é decupada e fragmentada assim como o ser humano está fragmentado em seu ser. Diz ele:

Eis uma vida cotidiana bem decupada em fragmentos: trabalho, transporte, vida privada, lazeres. A separação analítica os isolou como ingredientes e elementos químicos, como matérias brutas (quando na verdade resultam de uma longa história e implicam uma apropriação da materialidade). Ainda não acabou. Eis o ser humano desmembrado, dissociado. Eis os sentidos, o olfato, o paladar, a visão, o tato, a audição, uns atrofiados, outros hipertrofiados. Eis funcionando separadamente, a percepção, a inteligência, a razão. Eis a palavra e o discurso, o escrito. Eis a cotidianidade e a festa, esta última moribunda. Com toda certeza, e com a máxima urgência, é impossível continuar nessa situação (LEFEBVRE, 2008, p. 101)

Para Lefebvre, o direito à cidade pressupõe a superação dessa fragmentação para que o ser humano possa viver em plenitude. O autor ao analisar o direito à cidade e ao urbano enquanto “direito à liberdade, à individualização na socialização, ao *habitat* e ao habitar” afirma que o ser humano deve ter as suas necessidades satisfeitas. Nesta perspectiva podemos afirmar que grande parte da população não tem suas necessidades satisfeitas e no caso dos negros, diante da situação de pobreza, discriminação, racismo, segregação, fragmentação; o ser individual tem dificuldade para satisfazer as suas necessidades básicas:

As necessidades sociais têm um fundamento antropológico; opostas e complementares, compreendem a necessidade de segurança e a de abertura, a da organização do trabalho e a do jogo, as necessidades de previsibilidade e do imprevisto, de unidade e de diferença, de isolamento e de encontro, de trocas e de investimentos, de independência (e mesmo de solidão) e de comunicação, de imediatividade e de perspectiva a longo prazo. O ser humano tem também a

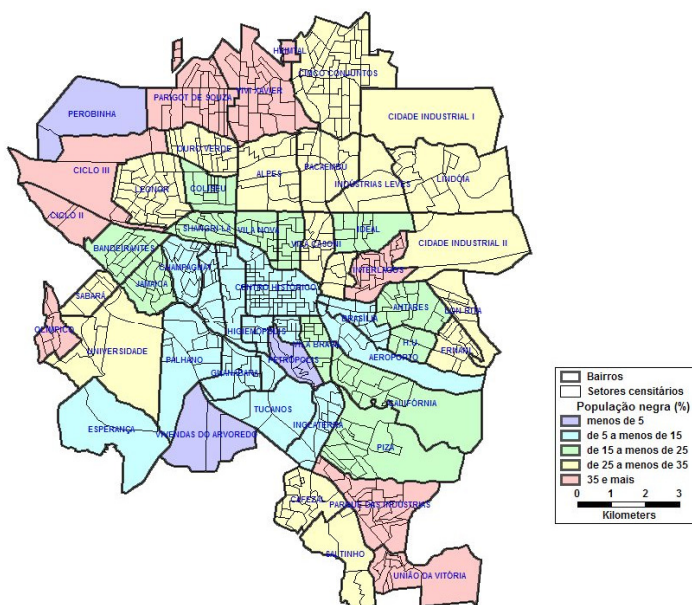
<sup>10</sup> SILVA, Maria Nilza da. A população negra em londrina: invisibilidade, cultura e resistência. Trabalho apresentado no X Congresso Luso-Afro-Brasileiro, entre os dias 4 a 9 de fevereiro de 2009 em Braga, Portugal.

<sup>11</sup> Segundo Wacquant (2001, p. 11 e 12), os moradores das áreas de “banimento” não são passivos, lutam para fugir dos estímulos e, por vezes, negociam com o poder público. Muitas vezes reagem contra o Estado e suas políticas de exclusão. Cf. também: SILVA, Maria Nilza da (2005, p. 94).

necessidade de acumular energias e a necessidade de gastá-las, e mesmo de desperdiçá-las no jogo. Tem necessidade de ver, de ouvir, de tocar, de degustar, e a necessidade de reunir essas percepções num “mundo”. A essas necessidades antropológicas socialmente elaboradas (isto é, ora separadas, ora reunidas, aqui comprimidas e ali hipertrofiadas) acrescentam-se necessidades específicas, que não satisfazem os equipamentos comerciais e culturais que são mais ou menos parcimoniosamente levados em consideração pelos urbanistas. Trata-se da necessidade de uma atividade criadora, de obra (e não apenas de produtos e de bens materiais consumíveis), necessidades de informação, de simbolismos, de imaginário, de atividades lúdicas. Através dessas necessidades específicas vive e sobrevive um desejo fundamental, do qual o jogo, a sexualidade, os atos corporais tais como o esporte, a atividade criadora, a arte e o conhecimento são manifestações particulares e, que superam mais ou menos a divisão parcelar dos trabalhos. Enfim, a necessidade da cidade e da vida urbana só se exprime livremente nas perspectivas que tentam aqui se isolar e abrir horizontes. (LEFEBVRE, 2008, p. 105)

O problema da segregação racial continua presente em nosso cotidiano. Diante da persistência da situação em diferentes contextos sociais vale a pena revisitar alguns autores clássicos que tratam das relações raciais e da segregação espacial. O mapa da cidade de Londrina e da distribuição da população negra mostra a concentração dos negros nas regiões mais pobres e periféricas tanto na zona Sul como na zona Norte.

### Distribuição da população negra na cidade de Londrina – Censo 2010



As análises sobre as cidades, em geral, têm-se debruçado sobre as suas características a partir do desenvolvimento do século XIX, com um acelerado

processo de urbanização. Todavia, Londrina escapa a essa tipologia. Por ser jovem, ela poderia apresentar uma característica mais inclusiva, de maior aceitação, no que se refere aos negros, quase todos migrantes, mas estes continuam a ser uns eternos estrangeiros em seu próprio território. Estrangeiros num sentido mais complexo, já que uma das características dos estrangeiros do Paraná foi a criação de determinadas comunidades que mantém certa endogamia para garantir a própria sobrevivência socioeconômica e cultural, tanto nas regiões rurais quando nas áreas metropolitanas, como ocorreu com os ucranianos, poloneses e alemães em Curitiba.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE em 2001 a população negra<sup>12</sup> na cidade era de 21,74% e em 2010 passou<sup>13</sup> para de 26,06%. O contingente populacional de cor parda é de 110.305 pessoas e 21.791 da cor preta, totalizando 26% da população de 506.701 habitantes. Não foi possível trabalhar com os dados comparativos dos censos de 2001 e 2010<sup>14</sup>. Como em todas as regiões do país, a situação socioeconômica da população negra na cidade apresenta desvantagens quando comparada com outros grupos populacionais<sup>15</sup>.

A pesquisa desenvolvida em Londrina, mostra uma população pobre, habitante em sua maioria nas periferias da cidade, com problemas de infraestrutura e falta de acesso aos direitos básicos. Isso tem-se acentuado apesar de uma política cujo objetivo é melhorar a situação das pessoas mais pobres e vulneráveis principalmente pela falta de moradia. O programa Minha Casa Minha Vida, está presente em algumas áreas, mas sem nenhum tipo de infraestrutura, como é o caso do Jardim Vista Bella<sup>16</sup>. O que as pessoas aguardavam como a realização de um sonho, para alguns tem-se tornado um pesadelo. Pensou-se nas casas mas não houve preocupação em preparar o bairro para acolher as pessoas. Faltam escolas, supermercados, farmácias, posto de saúde, transporte adequado etc. Ou seja, é como se os pobres não precisassem de infraestrutura, como mostram muitas matérias em jornais, por exemplo, o jornal *odiario.com* a respeito do projeto de construção de uma escola modular, em caráter provisório. Segue trecho da matéria de Betânia Rodrigues:

Encontra-se na Secretaria Municipal de Gestão Pública da Prefeitura de Londrina, um projeto da Secretaria de Educação prevendo a instalação de uma escola modular e pré-fabricada no Residencial Vista Bela, localizado na zona norte da cidade. A medida é para atender, emergencialmente, cerca de 500 estudantes do Ensino Fundamental e 300 crianças menores de seis anos que, ao se mudarem para o bairro, enfrentam a falta de estrutura escolar nas

<sup>12</sup> Somatória de pretos mais pardos.

<sup>13</sup> Conf.:

[http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/temas.php?nomemun=Londrina&codmun=411370&tema=result\\_pre\\_univer\\_censo2010&desc=Resultados%20Preliminares%20do%20Universo%20do%20Censo%20Demogr%25E1fico%202010&legenda=Fonte%253A%20IBGE%252C%20Resultados%20Preliminares%20do](http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/temas.php?nomemun=Londrina&codmun=411370&tema=result_pre_univer_censo2010&desc=Resultados%20Preliminares%20do%20Universo%20do%20Censo%20Demogr%25E1fico%202010&legenda=Fonte%253A%20IBGE%252C%20Resultados%20Preliminares%20do) Acesso em 15 de agosto de 2011.

<sup>14</sup> Negros referem-se à somatória de pretos mais pardos, categorias utilizadas pelo IBGE. Em alguns momentos será utilizada a categoria não-negros para fazer referência aos demais grupos de cor/raça, predominantemente representada pelo grupo branco.

<sup>15</sup> Silva, Maria Nilza da. <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/187.pdf> Acesso em 17 de agosto de 2011.

<sup>16</sup> Um dos problema do bairro é o estigma que sofre os seus moradores. Uma matéria publicada em jornal “Cidade de Deus não, aqui é Vista Bella” mostra que o bairro está sendo comparado ao bairro Cidade de Deus no Rio de Janeiro, retratado em filme e faz parte do imaginário social como um local muito violento, embora já tenha sido implementadas políticas para a diminuição da violência naquele bairro.

<http://www.jornalfolhanorte.com.br/?id=127-75&tit=cidade+de+deus+nao+aqui+e+vista+bela> Acesso em 9

proximidades (...).O Residencial Vista Bela foi entregue em 2011 e abriga mais de duas mil famílias. No entanto, durante a sua execução, não foi programada a construção de escolas e Centro de Educação Infantil (CEI) para atender essa nova demanda. Diante desse problema, os alunos precisam se deslocar por quilômetros para chegar às escolas e creches mais próximas. Por enquanto, a secretaria municipal de educação está oferecendo transporte para levá-los às escolas onde eles ainda estão matriculados<sup>17</sup>.

Ao se refletir sobre essa realidade apresentada como modelo a ser seguido, cabe fazer a seguinte pergunta: Será que num bairro de classe **classe** média/alta como por exemplo o bairro Gleba Palhano, seria construído uma escola modular, em caráter provisório? Por que realidades tão díspares para uma cidade que se diz modelo para o Brasil? Isso é pouco questionado. Parece algo normal a existência de diferentes categorias de cidadãos. Quando nos reportamos à realidade da população negra, a situação fica mais grave ainda.

### Um cotidiano segregado e violento

Alguns estudos têm mostrado que a violência no Brasil, que antes se concentrava em regiões de aglomerados urbanos, nos últimos anos têm se deslocado para as cidades do interior. Londrina, embora se considere uma grande cidade para os seus moradores, é uma cidade interiorana de porte médio. O Mapa da Violência, realizado por Julio Jacobo WAISELFISZ mostra que o problema das mortes por homicídio aumentaram 83% entre os anos 2000 e 2010. Em 2000, o número foi 112 e em 2010 cresceu para 206, com picos nos anos 2003 e 2004 com 262 e 261 respectivamente. Em referência ao estudo publicado em 2004, o autor lembra:

“Desmembrando (a série analisada 1993/2002) em dois períodos, no primeiro, de 1993 a 1999 os índices de crescimento dos homicídios nas capitais e municípios das regiões metropolitanas mais que duplicam os índices de crescimento do interior dos estados. Já nos segundo período – 1999 a 2002 – aumentam drasticamente as taxas anuais de crescimento dos homicídios no interior para 8% aa, caindo de forma drástica as taxas das capitais e regiões metropolitanas. Isso estaria indicando uma forte tendência de interiorização da violência homicida.” Mais recentemente, no último Mapa da Violência, divulgado em fevereiro deste ano, apontávamos a existência de dois “processos concomitantes de desconcentração. Por um lado, (...) um fenômeno de interiorização da violência homicida. Se até 1996 o crescimento dos homicídios centrava-se nas capitais e nos grandes conglomerados metropolitanos, entre 1996 e 2003 esse crescimento praticamente estagna e o dinamismo se transfere aos municípios do interior dos estados. A partir de 2003, as taxas médias nacionais das capitais e regiões metropolitanas começam a encolher, enquanto as do interior continuam a crescer, mas com um ritmo mais lento (...). Esses mesmos fatores parecem impulsionar um segundo tipo de desconcentração, agora entre os estados”

<sup>17</sup> Educação inicia processo para construção de escola modular no Vista Bela, em Londrina.  
<http://londrina.odiario.com/londrina/noticia/539784/educacao-inicia-processo-para-construcao-de-escola-modular/>

(WASELFISZ, 2012, p 41-42)

Para melhor compreender a trajetória da população negra na cidade, apresentamos alguns depoimentos que ilustram a situação dos negros moradores das regiões periféricas da cidade. Convém destacar que essa realidade não difere da experiência vivida pela maioria da população negra de outras regiões do país. Nossa maior preocupação é mostrar essa realidade, embora com características semelhantes a outras experiências, tendo em vista que o principal objetivo das pesquisas desenvolvidas sobre os negros em Londrina é tornar visível a trajetória de parte da população de Londrina que está ausente da história oficial da cidade. Na busca da superação das dificuldades e do incentivo ao reconhecimento da própria identidade, acredita-se que a visibilidade da história, da cultura e da experiência da população negra possa contribuir no processo de diminuição das desigualdades e, sobretudo, possibilitar a criação de estratégias a fim de combater o racismo e as desigualdades raciais.

### A origem dos londrinenses

Um dos aspectos que chamou a nossa atenção é que a maioria dos entrevistados são migrantes. De 57 entrevistados, somente onze nasceram em Londrina, outros 34 migraram para a cidade em busca de melhores condições de vida, especialmente motivados pela propaganda da Companhia de Terras, propriedade de ingleses, principal responsável pela colonização da região nas décadas de 30 e 40 do século XX.

Segue o depoimento de Maiara<sup>18</sup> sobre a sua origem e a de seus pais, que, como a maioria dos pais dos demais entrevistados, são originários dos estados da Bahia, Minas Gerais e São Paulo:

*Os meus pais são de outro Estado, da Bahia. Eles vieram da Bahia para cá. Nasceram lá, ficaram até a idade de casar, depois que se casaram ficaram um pouco lá até ter os dois primeiros filhos. Aí vieram em busca de uma vida melhor. Foram para o Estado de São Paulo, ficaram pouco tempo também, depois se instalaram no Paraná (...). No Paraná passaram por Loanda<sup>19</sup> primeiro até chegar em Londrina (...) Em Londrina, estou há quase quarenta anos, porque cheguei aqui na faixa de 8 a 10 anos de idade (Maiara, 48 anos, Dona de Casa).*

Quando se analisam os dados socioeconômicos relacionados à população negra de Londrina, estes, como em outras regiões, revelam uma realidade de desigualdade, se comparados aos de outros grupos de cor/raça<sup>20</sup>. Muitos começaram a trabalhar quando eram crianças; tiveram poucas oportunidades para estudar por causa da necessidade de trabalhar e das experiências de discriminação sofridas no ambiente escolar. A maioria não teve oportunidade de se qualificar profissionalmente, o que o levou a exercer atualmente profissões que não necessitam de um processo de

<sup>18</sup> Para preservar a identidade dos entrevistados os mesmos serão identificados por pseudônimos.

<sup>19</sup> Município da Região Norte do Estado do Paraná.

<sup>20</sup> Conf.: IBGE.

qualificação profissional, como empregada doméstica, zeladora, cozinheira, serralheiro, saqueiro, auxiliar de serviços gerais, de carpinteiro, de pedreiro, entre outras. Quando as profissões exercidas exigiam qualificação, esta era realizada durante o desenvolvimento da atividade profissional. Sobre o bairro Ana afirma que o fato de morar no Jardim União da Vitória também foi muito complicado, pois, além de enfrentar o preconceito e o racismo por causa da sua cor ainda há preconceitos relacionados ao bairro onde mora. Segue seu depoimento:

*...porque no começo era muito difícil, bom aqui realmente de fato no começo foi difícil porque eu tive o preconceito da cor quando eu arrumei primeiro emprego, e pelo lugar que eu morava, que eu tava morando, ai eu tive muito preconceito (Ana, 51, Servente, Jardim União da Vitória).*

Ana também menciona o que falam do bairro...

*...as pessoas que não moram aqui, a maioria não fala muito bem, mas os que moram aqui, a faixa etária de dez, quinze anos já acostumaram, não falam mais mal... as vezes falam que é um bairro perigoso. Eu não tenho medo de morar aqui, eu não tenho mais medo, porque eu acho que eu não tenho inimigo, eu fiz muita amizade, tanto é que eu estou a 21 anos morando na mesma rua e é tranqüilo, ali é tranqüilo... O que eu não gosto aqui é que deveria ter uma praça. Alguma coisa assim, um lugar pra gente ir a noite tranqüilo e hoje não tem, não sei se é o medo. O que eu mais gosto daqui é o colégio, meus filhos estudaram, estudam, eu trabalho no colégio (Ana, 51, Servente, Jardim União da Vitória).*

O problema da violência é o mais preocupante. Em praticamente todos os depoimentos, os entrevistados demonstram uma enorme preocupação com a violência que assola a cidade. Nessa perspectiva, o Mapa da Violência publicado em 2007, mostra que a população negra continua a ser o alvo preferencial dos crimes de homicídios:

A taxa de homicídio da população negra é bem superior à da população branca. Se, na população branca, a taxa em 2004 foi de 18,3 homicídios em 100.000 brancos, na população negra foi de 31,7 em 100.000 negros. Isso significa que a população negra teve 73,1% de vítimas de homicídio a mais do que a população branca. Só três Unidades Federadas – Acre, Tocantins e Paraná – registraram, em 2004, maior proporção de vítimas brancas. Nas restantes 24 Unidades Federadas, prevalece a vitimização de negros. Em alguns casos, como o da Paraíba ou o de Alagoas, a situação é muito séria, ultrapassando a casa de 700% de vitimização negra. Isso significa que, proporcionalmente ao tamanho dos grupos, esses Estados exibem acima de oito vítimas negras por cada vítima branca (WAISELFISZ, 2007, pág. 24-16)

Segue o depoimento de Inez, moradora no jardim Santa Rita:

*Um pouco violento, agora está mais calmo. Quando eu vim pra cá eu fui roubada 3 vezes, fora as mortes. Eu moro na última rua do Santa Rita 5, em frente ao pátio ferroviário. Quando eu vim pra cá, eu presenciei 3 corpos assim... seguido,*

*na mesma semana. Aqui em baixo, bem próximo aqui da minha casa! ...Eu morava no Jardim do Sol antigamente, eu morei 20 anos, morava na ponta da avenida do Sol. Quando nós morávamos lá, aquela favela Bratak, que agora chama N. S. da Paz, quando a gente morava ali, tava iniciando (a favela). Pra nós era muito violento lá dentro da favela, não na vila onde a gente morava, no bairro onde a gente morava. Aqui não, já era violento em tudo, em questão a todo mundo, porque só da gente ser roubado, já é uma violência muito grande... (Inez, 43 anos, Agente Educacional, Jardim Santa Rita).*

Para Inez, havia o conflito entre os moradores de diferentes bairros, provavelmente, pelo envolvimento com tráfico de drogas. Ela continua o depoimento sobre o bairro Santa Rita:

*Olha, o que a gente ficou sabendo por boca, por boca não, a gente via mesmo, era conflito entre bairros. Foi uma época muito difícil pra gente, porque eu tenho um filho adolescente nesse tempo, ele era pequeno mas ele sempre gostou de festa, ele é muito baladeiro, ele queria ir de um canto pra outro e a gente sempre tinha que tá levando, buscando, sabendo onde que era, com quem que ele estava, com quem ele ia andar, é bem complicado. Então foi uma época muito difícil, como se fosse... e a maioria das pessoas ...a maioria era de negros que a gente conhecia que morreram e a guerra maior é de negros também, tanto que quando roubaram a minha casa, esse foi um fato bem chato que aconteceu. A segunda vez que roubaram a minha casa eles destruíram tudo, tudo. A parede da minha sala aqui ficou forrada de ovo, o chão escrito assim que eu ia morrer, eles quiseram apavorar mesmo! O que foi que acalmou isso? Foi pessoas que a gente conhecia de outro bairro que acertou com esses uns que fizeram isso com a minha casa. Pra mim foi muito triste isso, porque não foi assim um acerto de morte, mas foi um acerto de deixar a pessoa com gesso, quebrado uma coisa ou outra. E eu vim saber a fatos bem depois, então por isso que eu falo assim, eu sou uma pessoa que convivo com todo mundo e eu não tenho conflito com uma coisa ou outra, mas eles eram assim, se conhecesse a pessoa que fosse do outro bairro e era pessoa de bem, que nem a nossa família, eles se vingaram! Isso pra mim não é uma coisa boa não, tanto que depois vieram falar pra mim e eu fiquei muito chateada com isso, de eu ver as pessoas naquela situação, daquele jeito, apesar que foi assim, foi uma coisa horrorosa que fizeram na minha casa, passavam ameaçando com arma, coisa que eu nunca tinha feito, eu nem sabia o porque eles tinham feito aquilo. Aí há tempos atrás vieram aí me contar, porque meu marido trabalhava de segurança e eles achavam que tinha arma dentro de casa, então eles ficavam apavorando, fazendo mesmo graça pra poder deixar a pessoa péssima. Mas isso foi um fato muito chato (Inez, 43 anos, Agente Educacional, Jardim Santa Rita).*

A violência faz parte do cotidiano das periferias brasileiras. Mas em Londrina, aparentemente calma, uma cidade do interior o sofrimento é intenso. Acompanhemos o depoimento de Felícia:

*É então, eu poderia dizer: Ah, não quando eu vim pra cá, aqui tinha transporte, tinha ônibus, não, tinha pras pessoas, mas pra nós não tinha, porque assim, quando eu tinha dinheiro eu ia de ônibus, mas a gente não*

*tinha todo dia. A gente ia daqui do Santa Rita até o Champagnat, o Vicente Rijo para estudar. Depois quando eu fui pra faculdade mesmo trabalhando, eu tinha que ir a pé lá do meu trabalho até a UEL pra poder estudar e eu fazia isso. Não sei, acho que era isso. Eu vejo que aqui a gente teve... a questão da violência era muito maior, porque lá a gente não tinha violência, acho que a única violência que a gente tinha lá naquela época, hoje a área rural mudou também, tá tudo aí infestado de violência. Lá a gente não tinha violência, mas aqui a gente tinha violência, então o que começou a marcar aqui - nas escolas lá a gente não tinha drogas, aqui tinha quando eu cheguei, eu já encontrei, tinha droga dentro da escola, tinha violência, tinha briga, os meus colegas morreram também assassinados pela polícia, a minha mãe saía pra trabalhar, meu pai saía pra trabalhar, lá meu pai e minha mãe trabalhava na roça, mas era pertinho da gente, aqui a minha mãe trabalhava como doméstica, as vezes a patroa pedia pra ela ficar lá, ela pousava, aí a gente tinha que pousar sozinho aqui, porque meu pai também ia pro trabalho dele, o patrão pedia pra fazer hora extra e ele para ganhar o dinheiro para sustentar a gente, ele ficava trabalhando, tinha vez que a gente ficava até 2 dias sem ver meu pai e minha mãe e sem contato, porque não tinha telefone, não tinha nada disso. E eu tinha que tomar cuidado, porque os coleguinhas nossos, eles faziam pequenos furtos, mexiam nas coisas, então a gente estava sempre ali e alguns foram assassinados, alguns morriam. Eu tinha um medo muito grande de acontecer alguma coisa com os meus irmãos, sabe assim então, com essa idade eu já tinha que tá cuidando dos meus irmãos, quando minha mãe não vinha eu sempre tive muito medo de escuro, de chuva, de tudo isso, aí eu tive que aprender a não ter esse medo mais, porque eu tinha que cuidar dos meus irmãos. A minha mãe teve 8 gestações, desses 8 ela teve 7, porque 1 morreu novinho, morreu recém nascido, mas quando a gente veio pra cá um desses meninos que sempre ia na minha casa brincar com a gente, a mãe dele bebia, tinha um monte de coisa e ele acabou ficando lá em casa e aí acabou que minha mãe adotou. Minha mãe já tinha 7, veio mais um e ficou com 8. 6 Meninos e eu e minha irmã. E eu ficava responsável por todas essas crianças, meu irmão caçula tava com 1 ano, eu acho assim, o grande problema era esse e a falta de liberdade. Lá no sítio a gente tinha toda a liberdade, podia ir onde você queria ir, o único perigo era um bicho, uma cobra, agora aqui não. Aqui a gente sempre foi cercado por muitas favelas, o tráfico sempre aconteceu, as drogas sempre tava aí, as pessoas ofereciam drogas e falavam: Olha, experimenta é legal! Eu sempre falava não, não quero (Felícia, 55 anos, Educadora, Jardim Santa Rita).*

Quando questionados sobre as características e a relação dos entrevistados e parentes com o bairro, as respostas giraram em torno de um mesmo eixo: a violência e insegurança vivenciada no bairro. Os entrevistados moradores do Jardim União da Vitória, quando perguntados sobre o tempo de deslocamento entre o bairro e seus respectivos trabalhos, localizados próximo ao centro urbano londrinense, todos disseram demorar em média 40 minutos, num percurso que tem aproximadamente 16

km, utilizando-se do transporte público. O tempo de deslocamento para a cidade de Londrina é longo.

A falta de infraestrutura marca o dia-a-dia dos moradores de vários bairros periféricos, causando-lhes vários contratempos, não lhes permitindo gozar de uma boa qualidade de vida, ao contrário, tornam-se precárias suas condições de sobrevivência. Ao serem interrogados sobre os espaços de lazer e entretenimento no bairro, responderam que não os há, mas que está em construção uma academia ao ar livre para atender a população local. Para encontrar lazer e entretenimento os moradores têm sempre de se deslocar a outros bairros, seja pela falta de infraestrutura, seja também pela violência.

A violência vivenciada cotidianamente pelos moradores dos bairros citados, é exportada diariamente na imprensa e na televisão, estigmatizando os bairros e, sobretudo, os seus moradores. Estigmatizados e tidos como pessoas violentas não conseguem trabalho ou chegam a perdê-los, o que contribui para piorar a qualidade de vida.

Vale lembrar que a situação da população negra em Londrina é também o reflexo da realidade de outras cidades brasileiras. A cidade carência de um estudo mais profundo com o recorte cor/raça, visto que no Paraná e em várias cidades do sul do país há uma tentativa de “esconder” a população negra, não somente na história das origens das cidades, mas também na atualidade.

## BIBLIOGRAFIA

Observatório das Metrôpoles. *As Metrôpoles no Censo 2010: novas tendências?* [http://www.observatoriodasmetrosoles.net/download/texto\\_MetropolesDez2010.pdf](http://www.observatoriodasmetrosoles.net/download/texto_MetropolesDez2010.pdf) Acesso em 5 de julho de 2011.

MEYER, Regina Maria Proserpi. Atributos da metrópole moderna. São Paulo em Perspectiva 14 (4), 2000, págs. 3-9.

Costa, Daniel. “Censo 2010 deve confirmar Londrina como a metrópole caçula do Brasil”. Jornal de Londrina. <http://www.jornaldelondrina.com.br/cidades/conteudo.phtml?tl=1&id=1045079&tit=Censo-2010-deve-confirmar-Londrina-como-a-metropole-caçula-do-Brasil> acesso em 9 de maio de 2012.

GOFFMAN, Erving. *Stigmaté: les usages sociaux des handicaps*. Minuit, Paris: 1975.

LAPEYRONNIE, Didier. *Ghetto urbain: segregation, violence, pauvreté en France aujourd’hui*. Paris : Robert Laffont, 2008.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. Moraes, São Paulo: 1991. Tradução Rubens Eduardo Frias.

MOURA, Rosa. *Arranjos urbanos-regionais no Brasil* : uma análise com foco em Curitiba. Doutorado, Tese em Geografia, UFPR, 2009.

NDIAYE, Pap. *La condition noire* : Essai sur une minorité française. Paris : Calmann-Lévy, 2008.

WAISELFISZ, Júlio Jacobo. *Mapa da violência dos municípios brasileiros*. Brasília, Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura – OEI, 2007. <http://www.mapadaviolencia.net.br/mapa2007mu.html> Acesso em 9 de maio de 2012.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

WASELFISZ, Júlio Jacobo. *Mapa da violência 2012* – Os novos padrões da violência homicida no Brasil. São Paulo, Instituto Sangari, 2012. <http://www.mapadaviolencia.net.br/index-2.html> Acesso em 9 de maio de 2012.

WIEVIORKA, Michel *Em que mundo viveremos?* São Paulo, Perspectiva, 2006.

WIEVIORKA, Michel. *Neuf leçons de sociologie*. Paris : Robert Laffont, 2008.

WIEVIORKA, Michel. *O racismo, uma introdução*. São Paulo : Perspectiva, 2007.

WIRTH, Louis. *Le ghetto*. Press Universitaire de Grenoble, 1980. Traduction de « The ghetto ». Univ. Chicago, 1928.